Síndrome de Down: A neuroplasticidade como ferramenta inovadora ao combate da exclusão social de crianças e adolescentes com a síndrome

Autor(res)

Flavia Thomazotti Claro
Giovanna Torres Silva
Juliane Flores
Daniele Rabello Gomes Santana
Alessandra Camilo Gama
Jussiene Ramos Tolentino

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE SÃO PAULO

Introdução

Para Luiz (2012, p. 650), a Síndrome de Down (SD) se define por uma doença genética causada pela trissomia do cromossomo 21, o que pode ser confirmada por exames citogenéticos. Embora tenha sido descoberta por Langdon Down, em 1886, a ciência moderna invalida algumas considerações do médico britânico, já que esse associou a causa da Síndrome a características indicativas de degeneração ou de uma conexão com a tuberculose nos pais (MOREIRA, EL-HANI, GUSMÃO, 2000, p.96).
Com uma média de 8.000 novos casos anuais no Brasil, Sales et al (2017, p. 02) apresenta alguns sinais fenotípicos da SD, como: a presença de cavidade oral reduzida, hipotonia dos músculos orais e faciais e alterações no desenvolvimento do sistema nervoso central. Por esse motivo, torna-se possível afirmar que, sob o contexto sociocultural, a criança ou o adolescente com SD encontra desafios pertinentes à inclusão e ao estigma social relacionado. (SILVA e KLEINHANS, 2006, p. 124; LUIZ et al, 2012, p, 650)

Objetivo

O trabalho a seguir propõe conceituar a Síndrome de Down e demonstrar a capacidade de crianças e adolescentes com SD em aprender habilidades socioemocionais e cognitivas para adaptação psicossocial, como forma de combate à exclusão dessa comunidade a ambientes que exigem aptidões sociais, como a comunicação, a construção de amizades e a independência pessoal.

Material e Métodos

Uma vez que o resumo expandido teve como referência artigos eletrônicos científicos, é correto afirmar que foi realizada uma revisão de literatura de artigos publicados entre os anos 2000 e 2023, por meio da plataforma Scielo, utilizando como termos de pesquisa “Síndrome de Down” e “SD infantil”. As palavras-chave são: “Síndrome de Down”, “neuroplasticidade”, “exclusão", “infantojuvenil” e "preconceito".

Resultados e Discussão

Em primeiro lugar, Bermudez et al (2023, p. 945) ressalta que a qualidade de vida desse grupo é refletida na primeira consulta médica antes dos 4 meses de idade, no maior nível educacional dos pais, na mãe profissionalmente ativa e na atenção pré-natal. Com isso, torna-se possível amenizar o atraso neurológico por meio de movimentos corporais realizados no recém-nascido, melhorando a sua coordenação motora (PRIOSTI et al, 2013, p. 278)

Desse modo, Silva e Kleinhans (2006, p. 135) reforçam a importância da habilidade do cérebro em se adaptar e reorganizar suas funções, além de promover o desenvolvimento cognitivo em pessoas com SD. Por esse motivo, desde a década de 90, a inclusão social desse grupo se torna relevante, pois a convivência do aluno com SD, por exemplo, em salas de aulas de ensino comum, de acordo com o estudo de Luiz et al (2012, p. 654), tem estimulado suas habilidades sociais e cognitivas, permitindo o combate ao preconceito e estigma a indivíduos portadores da doença.

Conclusão

Certamente, a inclusão social para pessoas com Síndrome de Down ainda se torna um desafio a ser superado no Brasil. Logo, é dever do Ministério de Educação em oferecer palestras sobre o tema a escolas de ensino fundamental ao ensino médio, além de faculdades, afim de que o estigma à comunidade com SD seja extinguida, por parte de todos os cidadãos, em todas as suas faixas etárias.

Referências

BERMUDEZ et al. Quality of life in down syndrome in Brazil: A cross-sectional study. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, Rio de Janeiro, 81 (11): 943-948, 2023.

LUIZ et al. Inclusão de crianças com Síndrome de Down. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n.4, p. 649-658, out/dez, 2012.

MOREIRA, L.M.A; EL-HANI, C.N; GUSMÃO, F.A.F. A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. Revista Brasileira de Psiquiatria, Salvador, 22 (2): 96-99, 2000.

SALES et al. Análise qualitativa e quantitativa da deglutição orofaríngea na síndrome de down. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, Marília, 29 (6): 01-05, 2017.

SILVA, M.F.R; KLEINHANS, A.C.S. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na síndrome de down. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 12. n. 1, p. 132-138, jan/abr, 2006.

PRIOSTI et al. Força de preensão e destreza manual na criança com síndrome de down. Psiquiatria e Pesquisa, São Paulo, 20 (3): 278-285, 2013